

DOI: 10.47456/krkr.v1i23.47441

A condição da entrada das mulheres no cangaço e sua importância para esse movimento do sertão nordestino (1930-1938)

The conditions of women's entry into cangaço and its importance for this movement in the northeastern sertão (1930-1938)

Brenda Figueiroa de Santana
Acassia dos Anjos Santos Rosa

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir as condições de entrada das mulheres sertanejas nos bandos de cangaceiros a partir de 1930, ano em que Maria Bonita inaugura a presença feminina no Cangaço, dessa forma, Lampião é destacado como aquele que permitiu uma mudança na estrutura dos bandos da época. As mulheres vão permanecer até o fim dos bandos, no ano de 1940, e diferente do que muito se afirmou, elas não enfraqueceram os grupos, pelo contrário, vai ser esclarecido o quanto foram importantes na resistência, na organização e na identidade do grupo, apesar de estarem inseridas num ambiente repleto de violência. Para tanto, foram consultadas pesquisas que valorizassem as memórias dessas mulheres a fim de construir um trabalho que problematizasse o lugar da sertaneja da época, bem como seus modos de vida.

Palavras-chave: Cangaceiras; Cangaço; entrada; resistência; sertão.

Abstract: This article aims to discuss the conditions of entry of backcountry women into bands of cangaceiros from 1930 onwards, the year in which Maria Bonita inaugurated the female presence in Cangaço. Thus, Lampião is highlighted as the one who allowed a change in the structure of bands of the time. The women will remain until the end of the gangs, in 1940, and unlike what has been said, they did not weaken the groups, on the contrary, it will be clarified how important they were in the resistance, organization and identity of the group, despite being inserted in an environment full of violence. Therefore, researches were consulted that valued the memories of these women in order to build a work that problematizes the place of the sertaneja at the time, as well as their ways of life.

Keywords: Cangaceiras; Cangaço; entrance; resistance; country.

Introdução

A partir do ano de 1930 é percebida uma mudança na organização do cangaço, movimento banditista típico do sertão nordestino. Neste ano, Maria Bonita já fazia parte do bando como companheira de Lampião, chefe do grupo, conhecido até os dias de hoje como Rei do Cangaço. A partir de Maria, outras mulheres passam a fazer parte do grupo, segundo Ana Paula Saraiva Freitas (2005) a entrada destas derivou de uma motivação entre três: voluntária, rapto ou fuga.

O presente trabalho pretende discutir as condições de entrada das mulheres na vida do cangaço, ou seja, buscou-se investigar qual era a situação de vida da mulher sertaneja da época, como o cangaço se tornou uma alternativa de melhoria de vida e quais eram as condições as quais aquelas mulheres foram submetidas dentro dos bandos. Por fim, será destacado a relevância da presença feminina, seu impacto na sociedade da época e na organização do bando.

A relevância do tema está vinculada à necessidade de melhor entender o papel exercido pelas mulheres na história do cangaço para além do lugar destinado a elas durante muito tempo pelas ferramentas de mídia. Se nos jornais, filmes e obras literárias mais antigas o feminino estava reduzido à aparência, a relação matrimonial e à moral da época, atualmente, muitos trabalhos buscam entender as mulheres como agentes fundamentais do período em viveram, é o que acontece nos estudos sobre as cangaceiras.

No sertão do século XX, as mulheres estavam voltadas para o trabalho doméstico em suas casas e para o trabalho fora de casa, seja na residência de outras famílias, seja na roça, viviam em meio a muitas necessidades e muita subordinação. Tanto as secas quanto as doenças foram fatores determinantes para a formação de bandos independentes de cangaceiros, através do cangaço maiores eram as chances de acumular bens e de exercer poder, nesse meio, as mulheres estavam submetidas a violência exercida pelos cangaceiros, ao mesmo tempo que algumas foram seduzidas pela liberdade.

É preciso definir que a vida das cangaceiras era tão árdua quanto a vida dos homens dos grupos, sabe-se que desenvolveram habilidades de ataque e defesa, não tinham conforto e viviam em fuga, mais ainda, passavam por todas as dificuldades durante a gravidez. Muitas vezes representadas como “feias” e “megeras”, foram, acima disso, organizadoras, bordadeiras e ambiciosas, inclusive, pensavam em preservar sua imagem e sua moral, como está registrado em imagens e falas da época. Graças aos depoimentos de ex-cangaceiras pode ser escrita uma história profunda do cangaço, com base em ações e memórias.

História do Cangaço: uma síntese

É unânime entre os pesquisadores da área que a palavra cangaço se deriva de “canga”, objeto colocado no cavalo ou boi para carregar peso, logo, eram chamados de cangaceiros devido ao fato de carregarem o peso de suas armas, assim como esses animais transportavam bagagens. Tais aspectos estavam envoltos na cultura pastoril do sertão nordestino que, de acordo com a pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz, é denominado por vários autores como a “civilização do couro”. Isso se deve ao fato da importância que a criação de gado tinha para aquela sociedade. Quanto mais tinha cabeças de gado, mais rico era aquele proprietário. Esses homens eram criadores de gado e lavradores, ou seja, tinham roças de sobrevivência. De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, no livro “História do Cangaço”:

Para auxiliá-los em suas tarefas, necessitavam de poucos trabalhadores. Era comum que o filho rapaz, ou o genro, se tornasse vaqueiro ou parceiro de seus pais. Como parceiro, cultivava sua própria roça, pagando o aluguel da terra ao pai com uma parte da colheita. (...) O grande trabalho dos vaqueiros era reunir o gado e fazer a marcação. A propriedade dos animais não era garantida por cercas, mas por sinais e siglas gravadas a fogo em seus flancos. (Queiroz, 1997, p. 19)

Quando ocorriam os períodos de grande seca, as famílias mais abastadas se locomoviam para o litoral e levavam consigo a “parentela”, ou seja, as famílias que trabalhavam para os primeiros e que se agregam a eles. Os mais pobres deslocavam-se a pé e eram chamados de retirantes. Esses, quando chegavam nas cidades vizinhas, eram perseguidos pelos moradores, pois tinham receio que os retirantes, na situação de calamidade em que se encontravam, roubassem o pouco que restavam naquele povoado, o que muitas vezes acontecia.

É nesse contexto que surge o Cangaço, inicialmente financiado pelos fazendeiros que pretendiam defender suas terras contra assaltos e ataques de grupos indígenas. Os homens contratados pelos fazendeiros viviam como capangas nas terras desses fazendeiros e não

precisavam pagar aluguel. Outro motivo recorrente pelo qual os cangaceiros eram recrutados se dava quando havia conflitos de poder entre as famílias mais influentes da cidade ou povoado. Ainda no século XIX, durante o Brasil Império, os conflitos existentes entre os partidos Liberais e Conservadores foram um dos principais motivos para que ocorresse essas desavenças entre famílias. Quando um partido do grupo Conservador governou uma região, os políticos, cangaceiros e parentelas que pertencessem ao partido Liberal eram considerados ilegais e vice-versa.

“Os bandos de homens armados não eram constantes e sim temporários, agregando-se e desfazendo-se ao sabor das disputas e dos conflitos.” (Queiroz, 1997, p. 24). Apesar da monarquia ter chegado ao fim e junto dela os partidos, as discórdias entre as famílias prosseguiram, pois os conflitos por poder políticos entre essas famílias influentes no sertão não chegaram ao fim. Surge o Partido Republicano e as disputas se voltam para a ocupação em cargos político-administrativos. O grupo que estava no poder tinha o apoio da polícia, que era usada como um novo instrumento de poder.

Dentro deste quadro de oligarquias e de desenvolvimento das forças policiais é que começaram a aparecer bandos, cuja ligação com os chefes políticos locais assumiu nova forma. A antiga sujeição era substituída pela independência e pela autonomia. (...) Este novo cangaço se localizou entre duas datas extremas, 1900 e 1940. (Queiroz, 1997, p. 26)

O “Cangaço Independente” teve um de seus primeiros registros no livro de Franklin Távora chamado “O Cabeleira”, de 1876, que narra diversas crônicas, baseada em fatos verdadeiros, sobre Joaquim e José Gomes (pai e filho) que haviam formado um grupo de cangaceiros e viviam mata adentro fugindo dos volantes. Franklin Távora localizou o grupo entre os anos de 1775 e 1776, quando Cabeleira, chamado assim devido seu longo cabelo cacheado, e seu bando, foi capturado e morto.

Da mesma forma como o cangaço subordinado era desfeito e recriado ao longo do surgimento de conflitos, o cangaço do tipo independente também se erguia de acordo com as crises da seca e das

epidemias que iam surgindo, como ocorreu em 1877, em Pernambuco, uma epidemia de varíola e uma seca devastadora que ficou conhecida como “a grande seca dos 3 sete”. Alguns documentos do século XIX apontam a ligação entre essas grandes catástrofes naturais e a eclosão desses grupos independentes.

Os potentados locais, que em geral garantiam a ordem, pois sem ela a economia se desorganizava, emigravam para outras regiões com sua família e seus homens. Os criadores e agricultores menores viam-se reduzidos à inanição. Agitações ocorriam então, formavam-se bandos armados decididos a conquistar à bala a subsistência da família e muitas vezes eram denominados, nos documentos da época, “cangaceiros sem proteção”, isto é, que não se abrigavam à sombra de nenhum chefe político. (Queiroz, 1997, p. 29)

Assim como Cabeleira, muitos outros nomes já eram conhecidos pelos sertões nordestinos antes mesmo do período mais conhecido do Cangaço. Rio Preto, Manuel Batista de Moraes, Luís Mansidão e tantos outros eram levados a entrar no movimento, por motivos que se repetiram nos anos seguintes. De acordo com o historiador Frederico Pernambucano de Melo, havia 3 tipos de Cangaço. O primeiro era o “Cangaço de Vida”, caracterizado como uma profissão e uma forma de vida. O segundo, “Cangaço de Vingança” é a justificativa mais conhecida, marcada pela necessidade em honrar o nome e sua família. O último, chamado “Cangaço de Refúgio”, ocorria quando um cangaceiro cometia um crime e abrigava-se no bando.

Obviamente, os fatores que levaram as mulheres a inserir-se no movimento foram completamente opostos aos dos homens, uma vez que essas mulheres, mesmo ocupando o mesmo espaço geográfico e a mesma cultura, tinham outras vivências e suportavam diversas imposições dado o pensamento daquele período. Foi no bando liderado por Lampião, conhecido pela alcunha de Rei do Cangaço, que a entrada de mulheres passou a ser permitida, a partir de 1930. Dessa forma, elas compuseram os bandos até os últimos anos de existência do cangaço no Brasil, o contexto dessa mudança e o impacto da atuação feminina nos bandos serão pontos discutidos a seguir.

A entrada das Mulheres no Cangaço

Esse momento se deu no final de 1929 e início de 1930 com a entrada de Maria de Déa, conhecida por Maria Bonita, ao bando de Lampião. A partir daí outras mulheres passaram a ingressar no Cangaço, de forma voluntária ou involuntária. Esse ingresso representou uma quebra de padrões sociais que eram legalizados pelo Código Civil de 1916, o qual ordenava que todas as mulheres eram submetidas aos seus maridos devendo obedecer ao exercício do poder que eles tinham sobre elas, além de só serem consideradas pela sociedade se mantivessem relações legalizadas, o que era diferente no Cangaço, pois as relações entre mulheres e os homens dos bandos não eram legalizadas, com algumas exceções.

A condição da mulher sertaneja na década de 30 era rodeada pelo coronelismo, seca e uma vida sem independência, eram submetidas aos poderes de seus maridos e a uma sociedade machista. Devido a essa condição, muitas mulheres escolheram entrar para os bandos de cangaceiros, como foi o caso de Maria Bonita que vivia um casamento infeliz com seu primo José Miguel da Silva, conhecido como Neném. Elas viam no Cangaço a “*oportunidade de saírem dos padrões convencionais estabelecidos pela sociedade, ou seja, poderiam conquistar outros espaços além da esfera privada do lar, à qual estavam predestinadas*” (Freitas, 2005, p. 120). Porém, outras mulheres ingressaram aos bandos forçadas, como foi o caso de Dadá, levada de sua família e violentada por Corisco aos 12 anos de idade.

Ao entrar nos bandos, as mulheres passaram a almejar possuir artigos de luxos, deram um novo visual ao Cangaço, modificaram as roupas. Enquanto tinham que se submeter ao código de honra, elas não poderiam traír seus companheiros, pois seriam castigadas com a morte. Além de que se os seus companheiros falecessem, elas deveriam casar-se com outro membro do bando para que não fossem assassinadas por serem consideradas um perigo ao bando por voltar para a sociedade com informações secretas. Situações que não ocorriam com os homens, por exemplo, eles podiam continuar no bando sem suas companheiras e traí-las sem punição. Dessa forma, era estabelecida uma relação violenta de controle, pois “*gostassem ou*

não do cangaço, tivessem ou não entrado por querer, não podiam deixar o grupo.” (Negreiros, 2018, p. 166).

Figura 1- Nenê, Maria Jovina e Durvinha



Fonte: Benjamin Abrahão/ Reprodução do livro Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço.

A maioria das mulheres que adentravam ao Cangaço ou almejavam entrar tinham a ilusão de que iriam viver em constante harmonia, ambiente festivo e teriam liberdade pela vida nômade que os cangaceiros levavam. Entretanto, sabe-se que não era essa a realidade, já que os bandos viviam sendo perseguidos pelas forças volantes e devido a essa perseguição, muitas vezes, ficavam sem alimentação e água o suficiente para se manter, caminhando debaixo de sol e chuva por quilômetros. Além disso, nem sempre possuíam um local para descansar, tomar banho e dormir.

A autora Adriana Negreiros (2018) ao citar um caso em que Lampião estuprou uma jovem mostra como os cangaceiros violentavam as mulheres, principalmente adolescentes e jovens:

Depois de dar uma surra no marido, voltou-se para a jovem e convocou seus homens, a aplicar-lhe uma gera – nome que se dava, no sertão, ao estupro coletivo. Por ser o chefe, não pegava fila. Era sempre o primeiro a penetrar a vítima, sem precisar enfrentar o desconforto de entrar em contato com os fluidos dos outros cabras. (Negreiros, 2018, p. 52)

Vários tipos de violência física e/ou simbólica eram comuns no ambiente do Cangaço, como o rapto de meninas e a violência com seus corpos, espancamentos praticados pelos companheiros, a pena de morte para as mulheres que traíssem seus companheiros ou se recusasse arranjar outro cangaceiro caso o seu companheiro morresse. Além violência sofrida internamente, as mulheres cangaceiras também estavam sujeitas à violência das volantes se fossem presas, como espancamentos, estupros, decapitação de órgãos, entre outras formas de se violentar alguém, por isso “*muitas cangaceiras preferiram morrer nos confrontos a cair nas mãos da polícia*” (Freitas, 2005, p. 204).

As cangaceiras foram caracterizadas de forma generalizada como violentas, bandidas, sanguinárias e criminosas sem que fosse levado em conta os motivos que as impulsionaram a estarem naquele ambiente. Foram invisibilizadas, limitadas a descrições físicas e ao nome dos companheiros, reforçando a ideia de dominação que os cangaceiros exerciam sobre as mulheres, sobretudo. Não era levado em consideração que essas mulheres tinham seus “*anseios, medos, desejos e frustrações, sentimentos que não as eximiam do mundo marginal no qual estavam inseridas*” (Freitas, 2005, p. 117), muitas delas eram retiradas de suas famílias novas, aos 12, 13 anos de idade sem poder voltar para as suas casas sob risco de morte.

Quando adentravam aos bandos as cangaceiras aprendiam a atirar, mas nos momentos de combates ficavam separadas sendo protegidas por alguns cangaceiros não participando ativamente dos confrontos, exceto quando as perseguições se tornaram mais acirradas. O que nos faz deduzir que ao aprenderem a carregar pequenas armas era justificado como forma de legítima defesa. A exceção foi o caso da cangaceira Dadá, que participava dos enfrentamentos com as forças volantes, nas invasões de povoados e cidades. Ela afirmava:

As moças muitas carregavam pistolinha de brincadeira. Agora eu, minha arma era um revólver 38 Colt Cavalinho, cartucheira de duas camadas e balas, que carregava numa panelinha...as caixas de bala eu gastava muito. Tinha um punhal bonitinho, que por sinal, está

escondido aí no mato. Meu punhal, era uma bonequinha, cabinho de prata, contém, cinco aliancinhas, banhado com ouro, e era para enfeite, o punhalzinho era para enfeite, porque eu não ia furar ninguém. Agora a arma era prá me divertir. Munição carregava.....uns quatrocentos cartuchos... (Dias, 1989, p.21)

O status das cangaceiras era medido de acordo aos bens que possuíam, como jóias, vestidos, os animais que tinham (burros, cavalos), além das qualidades bélicas e do desempenho com as armas durante os confrontos com as forças volantes. Porém, o prestígio feminino era sempre ligado ao lugar de hierarquia que seu companheiro ocupava, por isso, estava em maior posição a mulher casada com o chefe do bando. A feminilidade das mulheres cangaceiras pode ser notada a partir de fotografias que mostram a preocupação delas em se embelezar, exibindo jóias e trajes customizados. Ao nos debruçarmos sobre os estudos referente ao Cangaço e a presença feminina, é possível notar que apesar do meio e da violência sofrida, elas “*se preocupavam com o embelezamento do corpo e com a representação de sua imagem*” (Freitas, 2005, p. 219).

As cangaceiras ocuparam papéis de grande importância dentro do Cangaço, como Maria Bonita exercendo uma forte influência nas decisões de Lampião, Dadá quando assumiu o comando do grupo de Corisco enquanto ele estava ferido e Sila que mesmo após o fim do Cangaço continuou com os trabalhos de costura e bordado que elas faziam dentro dos bandos, evidenciando que as mulheres não tinham um único perfil, como era veiculado na imprensa. É importante compreendê-las dentro de um contexto histórico ao qual estavam inseridas para entender o ingresso daquelas que foram para o cangaço por vontade própria. Após o fim do Cangaço, as mulheres que sobreviveram reconstruíram suas vidas baseadas nas regras sociais que estavam vigentes, ocupando papéis de dona de casa, mães e até trabalhando fora do lar.

A Importância das Mulheres Cangaceiras Para esse Movimento do Sertão Nordestino

A vida da mulher no Brasil durante as décadas de 1920-1940 era difícil, a sociedade brasileira era patriarcal e opressora, não havia participação feminina na política e em alguns segmentos da vida social, nessa época as mulheres não tinham voz alguma. As moças eram ligadas a tarefas domésticas, como cuidar dos filhos e do marido, eram criadas para formarem uma família, sendo obedientes. Em alguns casos, quando as mulheres não tinham condições financeiras, elas trabalhavam intensamente para sobreviver. No contexto histórico e social, as mulheres sertanejas viviam em extrema pobreza, com a seca do sertão, em condições desfavoráveis.

No começo dos anos 1920, os ventos da chamada primeira onda feminista começavam a soprar nos grandes centros urbanos do Brasil, mas demorariam a chegar ao sertão nordestino. Maria de Déa era, portanto, em quaisquer circunstâncias, uma mulher de comportamento transgressor. (Negreiros, 2018, p. 22)

Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita) foi transgressora, esteve em uma posição jamais vista na História do Cangaço, passou a conviver com um bando exclusivamente masculino, marcado pela coragem e força. Além de deixar o marido e a moral para ficar com Virgulino Ferreira, ela ficou famosa por sua coragem e determinação. Negreiros (2018) afirma que Maria de Déa podia até ter medo de Lampião, mas tinha medo maior ainda da mesmice.

Figura 2 - Maria Gomes de Oliveira



Fonte: Benjamin Abrahão/ Reprodução do livro Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço.

A influência e as relações dessas mulheres no cangaço mostraram uma oportunidade para que outras mulheres saírem das condições impostas pela sociedade machista, como por exemplo a liberdade de escolherem seus companheiros sem a imposição da família, de fugir dos padrões sociais, de ter autonomia para fazer escolhas, de estarem em festa, maquiarem-se, usar vestidos no joelho (era tido como uma liberdade usar esse tipo de vestimenta). Apesar de alguns documentos mostrarem esses ideais que as mulheres almejavam ao entrar para o movimento, cabe destacar, que a vida no cangaço não era nada romântica, havia uma cultura de violência e estupros.

Quanto ao uso de armas, nos jornais e folhetins as cangaceiras eram alvos de matérias ao serem vistas com armas de fogo ou punhais, por saberem manejá-las eram estranhas para a sociedade, uma moça de respeito não devia viver uma vida violenta, as pessoas não estavam familiarizadas a ver uma mulher com uma arma. O jornal O Estado de S. Paulo, referindo-se às cangaceiras como criminosas, destacou: “*As três mulheres que integram o bando sinistro (...) são hábeis amazonas e manejam o rifle com incrível destreza. Algumas são tão cruéis quanto os homens. Tomam parte nos assaltos e combates ao lado dos bandoleiros, mostrando-se tão destemidas como eles*”. (O Estado de S. Paulo 13/01/1937, p. 7)

Figura 3- Maria de Déa e Dadá



Fonte: Benjamin Abrahão/ Reprodução do livro Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço.

Um fato que também chama atenção é a coragem e a cumplicidade que as cangaceiras tinham, muitas vezes essas mulheres viviam em condições extremas, eram perseguidas pelas forças volantes, também pela população que queria pegar os cangaceiros em troca de recompensa. Em momentos como esse não tinham como se alimentar direito, tomar banho, fazer uma pausa, o bando percorria quilômetros. E quando as cangaceiras engravidavam não tinham o direito de permanecer com seus filhos.

Em alguns momentos as cangaceiras ocuparam lugares de destaque, por exemplo, Maria Bonita, em algumas situações intervivia sobre as ações de Lampião.

Aquela não seria a primeira vez que Maria de Déa salvaria uma alma do inferno. Além de criancinhas, sensibilizava-se com os dramas e as necessidades dos rapazes mais jovens. Quando Volta Seca ainda estava no bando, costumava recorrer a ela para intervir contra as surras que lhe eram aplicadas pelos asseclas mais velhos, como Luiz Pedro, marido de Neném, melhor amiga de Maria. (Negreiros, 2018, p. 144)

Dadá, assumiu a chefia do bando de Corisco, no momento que ele se feriu em um conflito armado, é importante destacar que apesar de ser uma mulher, Corisco preferiu confiar em sua companheira para comandar o grupo ao invés de indicar um homem para a atividade. Segundo Freitas (2005) Dadá enfatiza que seu amor pelo cangaceiro foi tão intenso, que depois que Corisco perdeu firmeza nos braços (resultado de ferimento por projéteis de armas de fogo), passou a lutar e a comandar tiroteios. Nesse sentido, a Cangaceira ao tomar a frente do cangaço depois da Chacina do Angico desmistifica a afirmação de que o Cangaço acabou por conta da participação feminina no movimento.

As cangaceiras bordavam, faziam suas próprias vestimentas e Dadá se destacou com seus bordados, conquistou o respeito de Lampião que também costurava os seus trajes. No início do século XX era algo normal homens sertanejos produzirem suas próprias vestes, utilizando linhas e agulhas.

Dadá logo caiu nas graças do capitão. Durante a gravidez, quando viveu com os índios, havia costurado não apenas bonecas, como também testara novas estampas para os bornais. Inventara um bordado diferente, com motivos florais e geométricos multicoloridos, e aplicara-os sobre o bornal de Corisco. De tão exuberante, a peça logo se transformou em motivo de cobiça. “Pode fazer um bordado desses pra mim?”, pediu o capitão. (Negreiros, 2018, p. 69)

Cabe destacar que, mesmo com o fim do Cangaço, Dadá desempenhou um importante papel, a partir de depoimentos ela passou a ser uma das principais fontes sobre o Cangaço, contando história sobre a vida dentro do movimento e as ações das cangaceiras. Segundo Lima (2010), ela foi responsável por dar vida novamente ao Cangaço, contando histórias que estavam guardadas em sua memória.

Cangaceiras, mulheres que foram retratadas ora como companheiras, corajosas e ora como bandidas, megeras pela sociedade, pelas mídias e na literatura de cordel, foram protagonistas ao romper a ordem social e cultural vigente durante a década de 1930, viraram símbolo ao entrar para o Cangaço, marcaram a história das mulheres sertanejas, por seus feitos dentro desse movimento e fora dele.

Conclusão

Ao longo do trabalho, foi destacada a trajetória das mulheres no cangaço, com base em depoimentos de ex-cangaceiras e escritos que induzem à produção de uma história legítima sobre a vida nos bandos. Os esforços foram voltados para esclarecer as ações de algumas cangaceiras como Maria Bonita, Sila e Dadá, afirmindo o que de fato elas representaram na História, problematizando muito do que foi dito nos jornais da época e em representações artísticas.

Inseridas desde o nascimento em um cenário violento, marcado pelo coronelismo e dominação masculina, no banditismo as mulheres seguiram sendo vítimas, como se sabe, muitas entraram obrigadas, após serem arrancadas de suas famílias. E mesmo diante de tamanhas dificuldades comuns ao estilo de vida nômade dos cangaceiros independentes, as mulheres se destacam por deixarem sua marca na história do cangaço.

Como visto, ao casarem-se com um cangaceiro, principalmente se for por boa vontade, aquelas mulheres estavam indo de encontro à moral da época. Também ao aparecerem maquiadas, com vestidos mais curtos que o normal, feitos de tecido nobre e portando armas, incomodam a sociedade da época. Mas a vida das cangaceiras não se resumia a isso, também foram companheiras de luta, pegaram em armas, sobreviveram às dificuldades do sertão mesmo grávidas, organizavam os acampamentos temporários, algumas aprenderam a comandar e tomar decisões.

Por fim, é importante destacar como a presença feminina interferiu no visual do bando de Lampião. Os bordados aliados ao couro marcaram a estética do bando nos últimos anos de existência, foram vistas novas cores e formas, novos adornos. Dessa forma, é perceptível como é dever da História manter viva a memória dessas mulheres, pois a imagem da cangaceira deve significar tanta força e resistência quanto a do cangaceiro representa para muitas pessoas. Através de maiores registros e discussões sobre o tema pode-se começar a entender a realidade das mulheres sertanejas do século XX, suas necessidades, suas ambições e seus modos de vida.

Referências

- DIAS, José Umberto. **Dadá**. 2a edição, Salvador: EGBA/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.
- EMÍDIO, Teresa Raquel Nogueira. **As Mulheres no Cangaço**: para quem gosta de saber sobre o lado feminino do cangaço. Juazeiro do Norte-CE: Clube de Autores, 2019.
- FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações** (1930-1940). UNESP, 2005.
- LIMA, João de Sousa. **Maria Bonita** - diferentes contextos que envolvem a vida da Rainha do Cangaço. Paulo Afonso, 2010.
- MELLO, Frederico P. de. **Guerreiros do Sol**. Violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.
- NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita**: sexo, violência e mulheres no cangaço. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.

SÁ, Sarah Ritchelle Cristovão de. **A mulher no cangaço:** um olhar para além de Maria Bonita (1930-1938). UFAL, 2020.

Fontes:

Jornal - **O Estado de S. Paulo** – 1937.

Sobre as autoras

Brenda Figueiroa de Santana

brendaprofhistoria@gmail.com

Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Acassia dos Anjos Santos Rosa

acassiaanjos@academico.ufs.br

Possui Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestrado em Letras e Graduação em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é professora Associada de Língua Espanhola do Departamento de Letras estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe, onde atuou como coordenadora do colegiado do curso de espanhol (2023-2025). É Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras (PPGLES) da UFS. É coordenadora Institucional do PIBID (2025-2026) e membra da Diretoria Executiva da Editora da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (EDALAB 2023-2027). Integra o GT21 da ANPED - Educação e Relações Étnico-Raciais e participa do grupo de pesquisa Diálogos Interculturais e Linguísticos, atuando principalmente nos seguintes temas: identidades na América latina; educação linguística; mulheridades; educação decolonial; currículo e relações étnico-raciais; decolonialidade; formação de professores de espanhol; letramentos críticos e materiais didáticos.